

NO PRIMEIRO DOMINGO DE PONTE

«INVASÃO» DA CAPARICA

por dezenas de milhares de automóveis

Os empregados de mesa começaram mais cedo a sua lida pelas esplanadas. O mercado registou, às primeiras horas da manhã, movimento inusitado. Carreiras de autocarros sucediam-se, despejando multidão de banhistas, que logo afunilava pela rua dos Pescadores, rumo à praia. Mas o grande movimento da Costa de Caparica era constituído pelo verdadeiro enxame de automóveis que para lá convergia. Por ser o primeiro domingo de Agosto? Talvez. Mas, principalmente, por ser o primeiro domingo de Ponte.

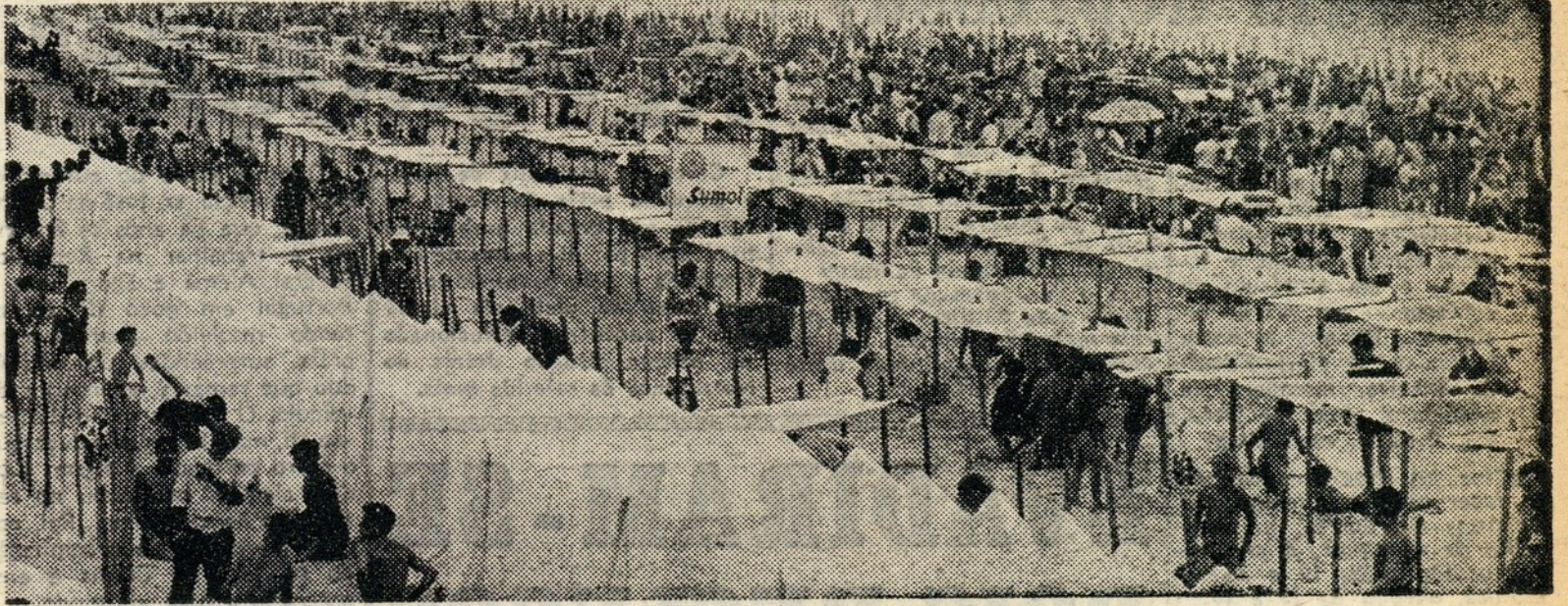
Gratuita a passagem. Prevista a afluência de uma centena de milhares de carros. E dia de praia, que nasceu enublado, mas que o lisboeta, optimista, teve sempre a esperança de que viria a descobrir. Normal, portanto, que boa parte dos automóveis a rumar o extremo sul da ponte se encaminhasse para a auto-estrada da Costa de Caparica.

ESTACIONAMENTO A CONTRAGOSTO

A localidade, que adormecera tarde, pois veraneantes e incolas não quiseram faltar ao fogo de artifício, despertou cedo, com as primeiras vagas de automóveis a inundarem quanto espaço vazio se encontrava nas ruas. Manhã alta, resignadamente, tiveram os automobilistas de deixar as suas viaturas no amplo parque de estacionamento já preparado, que a Câmara Municipal de Almada explorava. A taxa de utilização diária é de 2\$50. Ao domingo, porém, sobe para 5\$00

EM FILA INDIANA PARA A PRAIA

Largo Comandante Sá Linares, avenida Marechal Carmona, rua dos Pescadores, receberam massa variegada e



Manhã cedo, já banheiros registavam grande clientela, e uma verdadeira multidão se encontrava à beira-mar

colorida de visitantes. Olhavam estes o cartaz do tauródromo, anunciando para esta

noite os «Rocks». Passavam pelos barros de Estremoz, num dos passeios. Compravam, um ou outro, inevitável chapéu de praia, melão apetitoso para depois de almoço, ou bola de plástico, indiferentes à proibição que os altifalantes difundiam. Depois, faziam longas

filas indianas, pelos estrados, ou ajujavam o Transpraia.

PARA O ALMOÇO NÃO FALTA O APETITE

O sol manteve-se esquivo durante toda a manhã. Mas a praia parecia frente de combate entre dois mares: o de gente a lançar-se no de água; o de água a rolar, em ondas fracas, sobre o de gente. Aqui, à sombra amiga de toldo ou barraca, famílias sôfregas, de apetite saudável, mordiscam a sua sardinha assada, saboreiam a sua caldeirada. Plácidamente, a uma mesa, um casal joga o dominó. E enquanto à beira-mar o dia decorre tranquilamente, as esplanadas, tarde adiante, registam extraordinária afluência, cerveja espumante enche copos da sua cor alourada. Nas ruas, o trânsito é cada vez mais difícil. Mas não se verificam perturbações de grande monta. Trinta agentes de trânsito, dispersos pela zona, prestam bom serviço.

UM DIA QUE SE NÃO REPETE

A invasão da Costa de Caparica, tal como hoje sucedeu, não se repetirá tão cedo. Pouca sorte para os comerciantes, donos de restaurantes e de lojas de artigos regionais, que hoje fizeram bom negócio. Pouca sorte para os banhistas que se fazem conduzir nos seus automóveis pois, a partir de amanhã, terão de pagar a portagem. Mas uma esperança subsiste de que a frequência da praia receba novo empurrão: as carreiras de autocarros, a 2\$50, desde a Cova da Piedade, ou a 6\$00, de Alcântara, vão começar amanhã.

A CARTA DO DIA

DIA SIM, DIA NÃO CORRESPONDÊNCIA

Não é em remota aldeia da província, de acesso difícil, mal servida de transportes. É aqui, a dois passos de Lisboa, que se verifica, ao que nos diz um leitor, a distribuição de correspondência... três vezes, apenas, por semana. O caso aí fica, à consideração de quem de direito:

«Possuo uma vivenda no lugar de Ranholas, freguesia de S. Pedro, do concelho de Sintra, há muitos anos, na qual normalmente passo três meses de férias. Fui para lá este ano, novamente, e fiquei bastante admirado por a distribuição domiciliária do correio, que durante anos foi sempre feita diariamente, excepto aos domingos (e mesmo assim em muitos destes dias nos levavam a correspondência), estar agora a ser efectuada dia sim dia não, o que na realidade não se compreende. Dizem-nos que o carteiro da área está de licença, e foi chamado um eventual para fazer esta distribuição, e ainda de outros lugares, por falta de pessoal. Mas estará certo que assim se proceda, com deficiência de distribuição de correspondência, por má organização dos respectivos serviços? Caminhamos para um progresso maior ou vamos retrocedendo? Pedimos providências. — Luciano Cruz Bartolomeu, Vivenda Santa Cruz — Ranholas, Sintra».

BOTELHO DA SILVA ENTREVISTA A PONTE

«FOI UM DIA INESQUECÍVEL»

— Senhora dona Ponte, dá-me licença?
 — Menina, se faz favor: lembre-se de que nasci ontem. Pode passar — não paga nada.
 — Perdão, sei muito bem que a passagem é gratuita até à meia-noite. O que pretendo é diferente. Sou jornalista e venho entrevistá-la.
 — Vem quê? Entrevistar-me!... Os senhores lembram-se de cada uma! Eu nada posso dizer. Só ontem abri os olhos para o mundo.
 — Mas, para ponte recém-nascida, já viu muito, sem dúvida. O dia de ontem deve ter sido «em cheio». Que tal confiar-me as suas impressões?
 — Bem, posso dizer-lhe que nunca esperei ser recebida com semelhante entusiasmo, semelhante carinho. A cerimónia da inauguração emocionou-me. Chefe do Estado, Presidente do Conselho, Cardeal-Patriarca, membros do Governo e das Câmaras Legislativas, Corpo Diplomático... Enfim, tudo constituiu para mim uma honra que permanecerá inapagável na minha memória de aço. E, depois, os convidados. Eram onze mil, pense só!

FACTOR DE PROGRESSO

— Mas, certamente estava preparada para os receber...
 — Há quarenta e cinco meses esperava qualquer coisa assim. Mas, apesar de saber exactamente o que se passaria, acredite que um frémito percorreu os meus tabuleiros. Cheguei a pensar que iria desmaiar. Mas lá me recompus. Afinal de contas, não podia trair a confiança que em mim depositaram.
 — Todos reconheceriam, por certo, que tinha motivos de sobra para ficar preocupada.
 — Não é isso, senhor jornalista. É a responsabilidade tremenda que pesa sobre as minhas vigas. Esperam tanto de mim! A economia da Nação será directamente afectada pela forma por que eu cumprir a minha missão. E não ligo apenas as duas margens do Tejo. Ligo o País, de Norte a Sul. Sou um factor de progresso.
 — Fica-lhe muito bem esse sentido de responsabilidade.
 — Milhares de operários trabalharam para que eu me tornasse uma realidade. Quatro deles morreram. Não o posso esquecer.

DIA INESQUECÍVEL

— Voltando à cerimónia: qual foi a sua sensação dominante?
 — Talvez uma grande felicidade. Bem vê, eu compreendi que representava, para milhões de portugueses, a realização de um sonho. Pude sentir a expectativa com que assistiram ao meu nascimento. De terras longínquas vieram — Ultramar, Espanha, Brasil. De locais distantes me aclamaram — Alto de Santa Catarina, Monsanto, Castelo de S. Jorge. E cinquenta mil automobilistas me percorreram nas primeiras dez horas. Isto faz uma ponte sentir-se importante, não lhe parece?
 — Mas não me parece que se tenha envaidecido.
 — Devia ter-me visto ontem. Compreende: cada automobilista era, e é, um admirador. Foi um dia inesquecível, digo-lho eu.

PROJECTOS FUTUROS

— Quais os seus projectos para o futuro?
 — Servir, servir sempre, servir o maior número possível de utentes. E, é claro, possuir uma dupla via férrea para poder cumprir cabalmente a minha missão.
 — Está então inteiramente satisfeita?
 — Para ser franca, não. Desejava que os automobilistas que transitam em carros utilitários pagassem todos menos de 20\$00, para poderem aproveitar, sem hesitações, as vantagens que eu represento: rapidez e comodidade.
 — Compreendo a sua atitude. Não faltará quem com ela concorde. E, agora, se me dá licença...
 — Vá, vá. Está aqui parado há imenso tempo, e que não é permitido.
 — Muito obrigado. Foi bastante amável, senhora dona Ponte.
 — Menina, se faz favor,



Na rua dos Pescadores, para onde afunilava a maior parte dos banhistas, o movimento foi, hoje, de grande dia — que, provavelmente, não voltará, tão cedo, a repetir-se